

TERRITORIALIDADES  
**LGBTQIAP+**

# REFERÊNCIAS CULTURAIS SABERES

Realização

InstitutoPólis

repep

Apoio

 IPHAN INSTITUTO  
BRASILEIRO DE  
PATRIMÔNIO  
HISTÓRICO  
E ARTÍSTICO  
NACIONAL

# MORAR NA RUA



Artista e profissional do sexo, Kundaline dança na Praça da Sé. Foto: Pedro Stropasolas.  
Fonte: Brasil de Fato

## DESCRIÇÃO

Em 2024, estima-se que haja cerca de 55 mil pessoas morando nas ruas de São Paulo. A capital conta com um dos mais elevados índices de vulnerabilidade de moradia e, apesar da complexidade da formulação de um perfil de pessoas nessas condições, o recorte racial se sobressai, contando com uma maioria de pretos e pardos. Pesquisa da Prefeitura de 2015, estima que entre 5,3% e 8,39% da população em situação de rua pertence à população LGBT. A mesma pesquisa revelou que a situação de pessoas LGBT é mais precária ao constatar que há mais pessoas da população LGBT exercendo medicina e atividades marginalizadas (prostituição, venda de drogas e roubos), assim como a incidência de drogas e o número de doenças é maior na população LGBT do que entre cis-heterossexuais. Estima-se também que essa população sofre mais agressões institucionais, especialmente no sistema penitenciário.

Dessa forma, viver na rua como um saber leva em consideração as diversas práticas aprendidas pelas pessoas expostas a essas situações, tanto para a sua sobrevivência quanto para a sociabilidade. A condição de rua impõe a necessidade de lidar com a falta de alimentação, de saneamento básico e higiene, de segurança, além do abandono do poder público e da sociedade. A falta de privacidade é algo que afeta diversas áreas da vida e tem forte peso psicológico. Muito da sobrevivência na rua se dá também por saber lidar com a própria mente e as condições emocionais.

A situação de rua é uma realidade para muitas pessoas LGBTQIAPN+ e hoje ainda há a expulsão de jovens de suas casas ou as deixam pela intolerância da família. A ruptura dos laços familiares e conhecidos e a ausência do papel da família são fatores de peso na saúde mental e têm um enorme peso na formação dos jovens.

Ser LGBTQIAPN+ adiciona uma camada a mais na condição de rua, a LGBTfobia. Os estudos de Ricardo Machado (2015) e Garcia (2007) apontam para dificuldades, como a vulnerabilidade de se estar na rua e não poder se defender de ataques LGBTfóbicos, ao mesmo tempo em que se é invisível aos olhos das forças policiais que deveriam zelar por sua segurança. Para pessoas trans, além da dificuldade em conseguir meios adequados de expressar suas identidades, como o acesso a próteses e hormônios, há ainda a dificuldade em manter a higiene, acarretando em graves danos à saúde. O uso de packers ou faixas por homens trans e transmasculinos, por exemplo, exige um processo de higienização quase inexistente nas ruas. A dificuldade na manutenção da higiene pessoal é também um agravante para pessoas imunossuprimidas que já sofrem de doenças oportunistas, caso de pessoas vivendo com HIV/Aids.

Outra dificuldade para LGBTQIAPN+ em situação de rua é enfrentar os serviços públicos de assistência social por conta da falta de sensibilização da equipe e da discriminação de outras pessoas que também estão no local para atendimento. Isso é ainda mais difícil para homens com comportamentos supostamente mais femininos ou mulheres com comportamentos supostamente mais masculinos, ou pessoas trans que se veem obrigadas a se destituir de seus adereços e mudar seus trejeitos em prol da sua segurança física. Em São Paulo há diversas instituições voltadas às pessoas LGBTQIAPN+ em situação de vulnerabilidade. A Prefeitura, por exemplo, conta com casas de acolhimento para pessoas trans. Há também iniciativas da sociedade civil organizada, como a **Casa 1** e a **Só Vulvas** e o **TransAfeto**.

## REFERÊNCIAS

NITO, Mariana Kimie. Inventário participativo Arouche LGBTQIA+. Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2023. Disponível em: <[www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/book/1036](http://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/book/1036) .> Acesso em 24 out 2023

SÃO PAULO [CIDADE] Pesquisa Censitária da população em situação de rua, caracterização socioeconômica da população adulta em situação de rua e relatório temático de identificação das necessidades desta população na cidade de São Paulo. Secretaria de Assistência e Desenvolvimento Social. 2015. Disponível em <[https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/assistencia\\_social/censo/SUMARIO%20EXECUTIVO.pdf](https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/assistencia_social/censo/SUMARIO%20EXECUTIVO.pdf)> Acesso em 22 abr 2024.

GARCIA, Marcos Roberto Vieira. Diversidade sexual, situação de rua, vivências nômades e contextos de vulnerabilidade aos HIV/AIDS. Temas em Psicologia. N. 3, Vol. 21, 2013. Disponível em <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v21n3/v21n3a15.pdf>> Acesso em 22 abr 2024

MACHADO, Ricardo William Guimarães Machado. População LGBT em situação de rua: uma realidade emergente em discussão. Revista EDUC-Faculdade de Duque de Caxias N.3 Vol 01 Jan-Jun 2015. Disponível em <[https://uniesp.edu.br/sites/\\_biblioteca/revistas/20170608150422.pdf](https://uniesp.edu.br/sites/_biblioteca/revistas/20170608150422.pdf)> Acesso em 21 abr 2024

MONCAU, Gabriela. STROPASOLAS, Pedro. “Não sou a rua onde durmo”: mulheres cis e trans contam como é viver nas calçadas de São Paulo. Brasil de Fato, 9/2/2022. Disponível em <<https://www.brasildefato.com.br/2022/02/09/nao-sou-a-rua-onde-durmo-mulheres-cis-e-trans-contam-como-e-viver-nas-calçadas-de-sao-paulo>> Acesso em 22 abr 2024.

## OUTRAS REFERÊNCIAS CULTURAIS RELACIONADAS

Acolhimento: Rede Governamental

Acolhimento: Rede Não Governamental

Ativismo: Por Debate

# SER PUTA



Sylvetty Montilla na Boate Prohibidu's de Andréa de Mayo, 1996. Foto: Cláudia Guimarães.  
Fonte: Identidades Marginais.

## DESCRIÇÃO

Para ser puta é necessário muito mais do que dedicação aos prazeres sexuais de outras pessoas. É uma especialização profissional feita para acolher as necessidades e carências e saber lidar com situações de risco. É a assunção de uma personagem completa, desde o vestuário e a maquiagem, até a personalidade e os desejos.

Muitas das pessoas que as procuram estão buscando também experiências de afeto, acolhimento e consolo que não encontram nos seus círculos familiares e de amizade. Procuram também a liberdade de prazeres que não são bem aceitos socialmente.

Na sociedade patriarcal brasileira, é comum a categorização entre mulheres parceiras (a mãe dos filhos ou aquela que é “para casar”) e as outras, as amantes ou putas. As parceiras devem ser puras e, portanto, para as profissionais, são jogados todos os desejos e carências consideradas impuras. A puta precisa saber lidar com o emocional, saber receber e acolher as carências que a elas são despejadas. É preciso entender as necessidades de quem as procura e ter habilidade para tratá-las, seja pelo sexo ou outras formas de conforto.

A profissão também exige cuidados de segurança, tanto da integridade física e patrimonial, como da saúde do corpo. Há casos, por exemplo, em que clientes usam drogas durante os encontros e exigem que a profissional o acompanhe. Ocorre também a recusa ao uso de camisinha pela oferta de maior pagamento, expondo as profissionais a risco. São ocorrências comuns na vida de uma puta que precisa negociar a própria saúde a fim de garantir a renda do dia.

Estima-se que 90% das travestis mulheres trans trabalhem com a prostituição como forma de renda ou como complemento da mesma (ANTRA, 2020) devido às dificuldades em encontrar empregos formais. As travestis e mulheres trans carregam um peso emocional e psicológico a mais, uma vez que precisam oferecer um corpo desejado e idealizado pelas fantasias de clientes. Assim, o sofrimento pode também fazer parte da fonte de renda dessas profissionais. Há também um forte estigma relacionado às profissionais do sexo por conta da epidemia de HIV/Aids na década de 1980, o que levou a serem consideradas um “grupo de risco”. Hoje, embora não se fale de grupos de riscos, mas de “situações de risco” (que envolve diferentes grupos sociais independente da identidade sexual ou do gênero), e embora atualmente existam muitas formas de prevenção ao HIV, as profissionais do sexo continuam estigmatizadas.

Entende-se hoje que a situação de vulnerabilidade social implica fortemente na exposição aos perigos à saúde e integridade física, assim como as relações de gênero e poder. Isso significa que mulheres trans e travestis, marginalizadas da sociedade e sem profis-

são regulamentada, estão mais expostas à violência, seja física, psicológica ou emocional. Segundo a ANTRA (Associação Nacional de Travestis e Transexuais), as violências contra essas profissionais são cometidas geralmente por homens cis em decorrência do gênero (feminino) expresso das vítimas:

E chama a atenção que, não muito diferentes dos anos anteriores, o fato de que em 2023 a maioria daquelas onde foi possível identificar a atividade, pelo menos 57% dos assassinatos foram direcionados contra travestis e mulheres trans que atuam como profissionais do sexo, as mais expostas à violência e que vivenciam o estigma que os processos de marginalização impõem a essas profissionais. (BENEVIDES, 2024, p. 55)

A sororidade entre essas mulheres é de suma importância para a sobrevivência. A política **Carolina Iara**, pessoa travesti e intersexo, relata que foi durante seus dias como profissional do sexo que aprendeu muito sobre solidariedade. Outra personalidade que revela ter vivenciado algo específico é **Indianare Siqueira**:

“Eu sempre falava: ser travesti tudo bem, puta jamais. E quando saí de casa, justamente com todas as minhas qualificações profissionais como chef de cozinha, cozinheira, pizzaiola etc., ninguém me dava trabalho. Eu teria que sobreviver de alguma maneira, né? Sim, e eu dormi na rua, tudo, tudo, até ir enfim pra prostituição. Encontrei nas prostitutas justamente uma acolhida, nas travestis prostitutas uma grande acolhida.

Mas a minha primeira vez, como não poderia deixar de ser, foi supercomplicada, muito difícil, algo de que sempre falo. Era como se eu estivesse me violentando, entende? Me violentando porque eu falava ‘tudo menos puta, isso eu nunca vou ser’. Tanta coisa que falavam de ruim, que falavam das putas... eu nunca ia querer ser vista dessa forma. Daí, bom, enfim, a primeira vez antes de acontecer de fato como prostituta foi muito traumática, mas depois de receber o primeiro cachê pensei: era esse todo o problema? Eu tinha uma visão da prostituição que me foi imposta, foi o que eu percebi, mas não era a visão do que eu vivi na prática, daquelas pessoas que me abriram as portas. Como costume dizer, todo mundo faz sexo, mas todo mundo que faz faz ou de graça ou pago. Qual a diferença?” (MOIRA, 2016, p. 2)

Um dos modos de autopreservação é o uso da “navalha”, uma lâmina de barbear quebrada ao meio escondida na boca, embaixo da língua. Com destreza, elas retiram a lâmina da boca com a língua e a usam quando necessário, para defesa ou ataque. Uma forma específica de proteção surgiu durante a ditadura cívico-militar e a epidemia de HIV/Aids, nos anos 1980. A polícia praticava rondas violentas nas zonas de prostituição da cidade, cometendo torturas e assassinatos, principalmente de travestis e mulheres trans. Para evitar serem presas, pois não sabiam se permaneceriam vivas, retiravam a lâmina da boca e cortavam os próprios braços e o pescoço, ameaçando os policiais que temiam a infecção pelo HIV (CAVALCANTI; BARBOSA; BICALHO, 2018, p. 178).

## REFERÊNCIAS

ALENCAR, Azevedo. Quem é Carolina Iara, da Bancada Feminista do PSOL, a primeira mulher trans intersexo eleita na América Latina. **Esquerda Online**. 4/10/2022. Disponível em <<https://esquerdaonline.com.br/2022/10/04/quem-e-carolina-ilara-da-bancada-feminista-do-psol-a-primeira-mulher-trans-intersexo-eleita-na-america-latina/>> Acesso em 26 mar 2024.

AZEVEDO, Thaís. Entrevistador: Helcio Beuclair. São Paulo, junho de 2022. Entrevista concedida ao **M.O.N.A. Museu de Ocupação e Narrativas LGBTQIA+**. Disponível em <<https://www.arouchianos.com.br/vozes.html>> Acesso em 10 mar 2024.

BARROS, Carlos Juliano. LOPES, Laura. A Boca do Lixo ainda respira. **Repórter Brasil**. 15/6/2004. Disponível em <<https://reporterbrasil.org.br/2004/06/a-boca-do-lixo-ainda-respira/>> Acesso em 14 mar 2024.

BENEVIDES, Bruna. **O paradoxo entre o pornô e o assassinato de pessoas trans no Brasil**. Revista Híbrida, 2020. Disponível em: <https://revistahibrida.com.br/brasil/o-paradoxo-do-brasil-no-consumo-de-pornografia-e-assassinatos-trans/>

BENEVIDES, Bruna; ANTRA Associação Nacional de Travestis e Transexuais. Boletim N. 02/2020. Assassinatos contra travestis e transexuais em 2020.

BENEVIDES, Bruna; ANTRA Associação Nacional de Travestis e Transexuais. Dossiê: assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras em 2023. Brasília, DF: Distrito Drag, ANTRA, 2024.

BRASIL. Comissão Nacional da Verdade. **Relatório: textos temáticos/ Comissão Nacional da Verdade**. Brasília

BRYAN, Guilherme. A Augusta como ela foi. **Rede Brasil Atual**, 18/1/2012. Disponível em <<https://www.redebrasilatual.com.br/revistas/viagem-7/>> Acesso em 14 mar 2024.

CAVALCANTI, Céu; BARBOSA, Roberta Brasilino e BICALHO, Pedro Paulo Gastalho. **Os Tentáculos da Tarântula: Abjeção e Necropolítica em Operações Policiais a Travestis no Brasil Pós-redemocratização**. Psicol. cienc. prof. 2018

ESPOSITO, Ana Paula Gomes; KAHHALE, Edna Maria Peters. Profissionais do sexo: sentidos produzidos no cotidiano de trabalho e aspectos relacionados ao HIV. psicologia , reflexão e crítica. N. 19, 2006.

MOIRA, Amara. **Se eu fosse puta**. São Paulo: Hoo Editora, 2016.

NITO, Mariana Kimie. **Inventário participativo Arouche LGBTQIA+**. Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2023. Disponível em: <[www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/book/1036](http://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/book/1036) .> Acesso em 24 jan. 2024.

PEQUENO, Diana. Entrevistador: Helcio Beuclair. São Paulo, junho de 2022. Entrevista concedida ao **M.O.N.A. Museu de Ocupação e Narrativas LGBTQIA+**. Disponível em <<https://www.arouchianos.com.br/vozes.html>> Acesso em 10 mar 2024.

## OUTRAS REFERÊNCIAS CULTURAIS RELACIONADAS

Lugares: Ruas de trabalho

Personalidades: Todes

Saberes: Pajubá

# VIVÊNCIAS TRANS



## DESCRIÇÃO

A experiência de vida trans difere da vida cis em inúmeros aspectos, das situações mais banais e cotidianas até as mais profundas, causando violências e sofrimentos os mais diversos.

A OMS deixou de considerar a transexualidade como doença apenas em 2018, muito recentemente, portanto. Tal fato exemplifica como o tema ainda é um tabu, mesmo entre LBGTQIAPN+. Despatologizar a transexualidade é um passo fundamental para se desenvolver o respeito às pessoas trans, assim como para se contrapor à cisnormatividade que tenta enquadrar essa população.

Os primeiros sinais de inadequação com relação ao próprio gênero podem aparecer já na infância e adolescência, causando dificuldades nas relações sociais e familiares e dificuldades de compreensão de si e autorreconhecimento, já que vivemos em um mundo profundamente cisnormativo. Quando mais percebida na fase adulta, é possível que a pessoa trans se sinta como se fosse outra pessoa, como um personagem, deslocada das vivências cotidianas com outras pessoas ao seu redor. Para diminuir as sensações de deslocamento e não pertencimento é necessária uma ampla articulação de apoio emocional e psicológico a fim de que a pessoa se entenda no mundo, algo ainda utópico. Contudo, já existem bloqueadores hormonais, tratamentos de hormonização e vestuários específicos, como calcinhas, binders, etc., para pessoas trans. O uso desses hormônios e vestuários precisa ser feito com cuidado e, no caso dos hormônios e bloqueadores, é importante haver o acompanhamento médico e psicológico. No entanto, a acessibilidade de tratamentos hormonais e vestuários específicos não é uma regra no Brasil. Isso faz com que pessoas recorram a tratamentos e produtos inadequados, o que pode gerar danos à saúde.

As maiores dificuldades das pessoas trans, contudo, provêm da sociedade e da transfobia. A Antra (Associação Nacional de Travestis e Transexuais) defende que as ações de saúde a pessoas trans - principalmente sobre crianças - devem ser menos voltadas à dimensão dos consultórios e mais para a vida pública. Atos que parecem pequenos, como adoção de nomes e prenomes e vestimentas que condizem com o gênero, são de grande importância para a saúde mental dessas pessoas, assim como de quaisquer outras. A interdição do desenvolvimento da criança trans pode levar quadros de insegurança, ansiedade e depressão. Estima-se que 42% da população trans já tentou suicídio e que 85% dos transmasculinos consideraram suicídio ou tentaram tirar a própria vida (Antra, s.d.).

Pessoas trans de todas as idades enfrentam enormes dificuldades com as situações mais comuns do cotidiano, como, por exemplo, o uso do banheiro. Homens trans e transmasculinos que não passaram pelo processo transexualizador, com a mastectomia, têm menos segurança para usar os banheiros com tranquilidade e, sem poder usar os mictórios, uma tecnologia de gênero baseada na existência de um pênis, se deparam com banheiros masculinos em que não há a opção de vasos sanitários e cabines privativas. Também para eles é maior a dificuldade em lidar com a menstruação e seus efeitos colaterais nesses espaços ou até para conseguir materiais e medicamentos adequados, uma vez que as pessoas quase sempre associam a menstruação com a mulher cis. Mulheres trans e travestis também sofrem impedimentos constantes para usar banheiros femininos, como temos visto nos noticiários cotidianamente e também já aconteceu com pessoas conhecidas, como no caso da cartunista Laerte Coutinho. Essas violências causam constrangimento e pesam negativamente na saúde mental e emocional, além de impactarem a saúde física dessas pessoas, com complicações urinárias e renais.

Há também as dificuldades relacionadas ao acesso a atendimento de saúde, tanto no serviço público quanto no privado. A maioria dos equipamentos e clínicas médicas não está preparada para atender pessoas trans, colocando-as em situação de constrangimento. Até mesmo os formulários de identificação de pacientes costumam ser limitados a dois sexos biológicos, ignorando as necessidades das pessoas trans. Isso acarreta em dificuldades para tratamentos específicos, como os atendimentos ginecológicos para homens trans e transmasculinos ou mulheres trans e travestis com neovagina.

Segundo pesquisa da Secretaria de Direitos Humanos da Prefeitura de São Paulo, as pessoas trans estão majoritariamente excluídas do mercado de trabalho formal. Isso se dá por conta da transfobia, com a maior parte das empresas despreparadas para o pleno respeito à diversidade. Segundo a Antra, estima-se que 90% das mulheres trans no Brasil recorrem à prostituição como fonte de renda e única possibilidade de subsistência. Expulsas de casa aos 13 anos em média, não concluem os estudos e não conseguem empregos formais. Todas estas dificuldades, e tantas outras, são acentuadas se a pessoa tiver a pele preta. Não é possível discutir Direitos Humanos no Brasil sem considerar o racismo.

Como forma de sobrevivência, a passabilidade tem sido uma estratégia utilizada por muitas pessoas trans para serem vistas como cisgêneras, ou seja, dentro da norma cisnormativa. A passabilidade pode evitar o preconceito, o assédio e até proporcionar maior acesso a vagas de trabalho formais. Isso gera empoderamento e pertencimento às pessoas trans, mas não significa que o preconceito deixa de existir. A passabilidade pode ser vista como uma “enganação” cis e a consequência da “descoberta” pode resultar em violência, seja física ou psicológica.

Apesar das dificuldades e violências impostas às pessoas trans no Brasil, o tema da transexualidade tem conquistado decisões judiciais importantes na defesa de seus direitos. Desde 2018, pessoas trans podem solicitar mudança de nome e registro civil em documentos, independentemente de terem se submetido ou não a cirurgia de redesignação sexual.

A representatividade também tem aumentado e hoje há diversos exemplos positivos de pessoas trans no cenário nacional, impactando na construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Na política, **Érika Hilton**, **Carolina Iara** e **Duda Salabert** têm se destacado na luta pelos Direitos Humanos. No mundo artístico, pessoas como **Liniker**, **Laerte** e **Linn da Quebrada** são alguns dos nomes que têm dado maior visibilidade ao tema e são referências para jovens trans. São pessoas que mostram que é possível ser trans e ter sucesso, possuir e desenvolver talento.

## REFERÊNCIAS

AHTM. Cartilha Homens Trans. **Associação de Homens Trans e Transmasculinidades**. [s.d]. Disponível em <<https://antrabrasil.org/cartilhas/>> Acesso em 19 mar 2024.

ANTRA. Nota técnica sobre o Acesso à saúde de crianças trans. Do modelo despatologizante ao cuidado transespecífico. **Associação Nacional de Travestis e Transexuais**. Brasil: Antra, 2023.

\_\_\_\_\_. Precisamos falar sobre o suicídio das pessoas trans! **Associação Nacional de Travestis e Transexuais**. s.d. Disponível em <<https://antrabrasil.org/2018/06/29/precisamos-falar-sobre-o-suicidio-das-pessoas-trans/>> Acesso em 19 mar 2024.

BENEVIDES, Bruna. 90% da população trans no Brasil tem a prostituição como fonte de renda. Entrevista ao **Edição do Brasil**. 28 de maio de 2021 Disponível em <<http://edicaodobrasil.com.br/2021/05/28/90-da-populacao-trans-no-brasil-tem-prostituicao-como-fonte-de-renda/>> Acesso em 19 mar 2024.

CARUSO, Marina. Quem deve usar o banheiro feminino? Laerte responde. Revista Mari Claire. 18/10/2012. Disponível em <<https://revistamarielaire.globo.com/Mulheres-do-Mundo/noticia/2012/10/quem-deve-usar-o-banheiro-feminino-laerte-responde.html>> Acesso em 19 mar 2024.

Ibrat. Instituto Nacional de Transmasculinidades. Disponível em <<https://ibratnacional.com/>> Acesso em 19 mar 2024.

Cedec (Centro de Estudos de Cultura Contemporânea). Transver o mundo: existências e (re) existências de travestis e pessoas trans no 1o. mapeamento de pessoas trans do município de São Paulo. São Paulo: Annablume, 2021.

ROCHA, Lucas. Mulheres trans precisam de cuidados específicos de saúde; entenda. **CNN Brasil**. 31/3/2023. <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/mulheres-trans-precisam-de-cuidados-especificos-de-saude-entenda/>

Morgana la Belle. As pessoas trans e a angústia da passabilidade. **Revista Medium**. 6/10/2023. Disponível em <https://medium.com/@rainhamorgannalabelle/32-as-pessoas-trans-e-a-ang%C3%BAstia-da-passabilidade-e0fc9e405b61> Acesso em 19 mar 2023.

Passabilidade de gênero. in Wikipedia. Disponível em <[https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Passabilidade\\_de\\_g%C3%AAnero](https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Passabilidade_de_g%C3%AAnero)> Acesso em 19 mar 2024.

NITO, Mariana Kimie. **Inventário participativo Arouche LGBTQIA+**. Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2023. Disponível em: <[www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/book/1036](http://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/book/1036) .> Acesso em 24 out 2023.

## OUTRAS REFERÊNCIAS CULTURAIS RELACIONADAS

Personalidades: Todes

Ativismo: Por Debate

Ativismo: Marchas e Datas

Objetos: Elementos Corpóreos

Objetos: Objetos Códigos